



WWW.CISC.ORG.BR
<http://revista.cisc.org.br>

CISC

**CENTRO INTERDISCIPLINAR DE
SEMIÓTICA DA CULTURA E DA MÍDIA**

A CULTURA DO OUVIR

Norval Baitello Junior

Seminários Especiais de Rádio e Áudio - Arte da Escuta - ECO. 1997.2

O grande autor e especialista em jazz Joachim-Ernst Berendt, foi durante longas décadas diretor da divisão de peças radiofônicas da Südwestfunk, rádio do estado alemão de Baden-Württemberg. Todos os apaixonados por rádio, e pelo som, sabem que a peça radiofônica teve - e ainda tem - uma grande importância, desde os primórdios da radiofonia na Alemanha, mas especialmente no último pós-guerra, quando todas as grandes emissoras de rádio possuíam um departamento só para criação e produção de peças radiofônicas. Berendt é considerado um dos grandes diretores de peça radiofônica e um dos grandes incentivadores da arte radiofônica, deste tipo de arte literária da radiofonia.

Dentre suas obras mais significativas ,Joachim-Ernst Berendt escreveu e produziu uma série radiofônica chamada “Nada Brahma”, da qual nasceu um livro⁽¹⁾ , um pequeno livro que eu tenho aqui nas minhas mãos (e que não foi ainda traduzido infelizmente para o português), Nada Brahma, o Mundo é Som.

“Nada”, em sânscrito, significa ‘som’, e Brahma, é um dos deuses da trilogia divina da mitologia e das religiões indianas, ao lado de Vishnu e Shiva. Brahma é um dos três deuses que constituem essa espécie de trindade.

Neste livro, Berendt nos conta uma pequena história, uma lenda persa antiga que vou resumir a título de epígrafe destas considerações a respeito da Cultura do Ouvir.

Hafiz, um dos grandes poetas da antiga Pérsia, relata a seguinte lenda: Deus fez uma estátua de argila, dando-lhe a forma segundo sua própria imagem. Em seguida queria que a alma entrasse nessa estatua para dar-lhe vida. Mas a alma não queria ser aprisionada. Pois isto não está na sua natureza que é ser volátil e livre. Ela não quer ser amarrada e nem cerceada de alguma maneira. O corpo é uma prisão e a alma não queria entrar nessa prisão. Então Deus pediu a seus anjos que fizessem música. E quando os anjos começaram a tocar a música, a alma se comoveu e, em êxtase, querendo sentir a música mais clara e mais intensamente, entrou finalmente no corpo. Porque, na realidade, a alma era a música.

Com estas considerações poéticas e mitológicas da antiga Pérsia, a respeito do som e do corpo, podemos começar a falar sobre a Cultura do Ouvir.

A SOCIEDADE DA IMAGEM

Começamos então pela 'Sociedade da Imagem'. Vivemos, profundamente, até a última das nossas fibras, dentro de um mundo da visualidade. Que evidentemente não começou agora, mas que foi se desenvolvendo e foi se sofisticando de tal maneira que todos nós podemos suspeitar que estamos nos tornando surdos. O valor do som é tão menor que o da imagem no nosso mundo e no nosso tempo, que este fato pode ser lido em inúmeros momentos da nossa vida e do nosso cotidiano.

Se fizermos uma avaliação sobre o que vale mais hoje: a palavra ou o documento? O que custa mais caro, a televisão ou o rádio? O que tem maior valor, o que se fala ou o que se publica? Em todas as esferas da atividade e da cultura contemporâneas detecta-se um predomínio do visual sobre o auditivo. Na vida e no trabalho acadêmico, tem mais peso quem escreve um livro do que quem dá bons cursos. Os sistemas de avaliação são todos fundados sobre a escrita, que pertence ao reino da visualidade, a mesma escrita que nasceu das formas mais arcaicas de conservação da informação. Não importa se a informação auditiva também pode ser conservada por meio de fitas magnéticas, discos ou outros suportes, ela não tem o mesmo valor documental de um texto escrito (e apenas muito recentemente começou a se aceitar uma gravação como prova ou documento).

A cultura e a sociedade contemporâneas tratam o som como forma menos nobre, um tipo de primo pobre, no espectro dos códigos da comunicação humana. Por isso a minha pergunta se não estamos nos tornando surdos por desvalorização de um de nossos sentidos. Não estaríamos nos tornando surdos intencionais? Surdos que ouvem. Surdos que têm a capacidade de ouvir mas que não querem ouvir, não têm tempo ou então não dão atenção ao que ouvem? Literalmente não dão ouvidos ao que de fato ouvem?

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DA SURDEZ

O neurologista Oliver Sacks, na página 32 do seu livro *Vendo Vozes* (ii2) diz o seguinte: “Foi por isso que afirmei anteriormente que a surdez pré-lingual (que é a surdez advinda antes da aquisição da própria fala) é potencialmente mais devastadora do que a cegueira.”

(Temos horror da cegueira, muito mais horror do que sentimos em relação à surdez. Raramente nos damos conta de que a surdez nos privaria de um sentido muito mais presente e envolvente do que a cegueira. Na cultura da visualidade, o grande temor é perder a visão. O prato da balança pende totalmente para o lado da visualidade.)

Oliver Sacks continua : “a surdez é “potencialmente muito mais devastadora do que a cegueira. Pois pode determinar, a menos que isto seja evitado, uma condição de ser virtualmente sem linguagem, e de ser incapaz de propositacionar, de fazer proposições. O que deve ser

comparado à afasia, uma condição em que o próprio pensamento pode se tornar incoerente e atrofiado.” (Sacks, 198 :)

O surdo sem linguagem pode de fato ser como um imbecil, de uma forma particularmente cruel. Isto ocorre à medida em que a inteligência, embora presente e talvez abundante, permanece bloqueada por tanto tempo quanto durar a ausência de linguagem. Assim o Abade Sicard que é um pedagogo de surdos está certo além de poético, quando escreve que o aprendizado de sinais, a linguagem de sinal dos surdos, abre as portas da inteligência pela primeira vez. Dr. Sacks nos chama a atenção, neste livro, para a importância dos surdo-pedagogos pedagogos especializados em técnicas de ensinar a fala para pessoas que nasceram surdas. E algumas nasceram surdas e cegas.) Há um caso notável relatado pelo autor russo V.V. Ivanov no seu livro “Par e ímpar”⁽ⁱⁱⁱ⁾3. Ele conta a experiência do surdo-pedagogo Zokolianskij, que dedicou a vida toda a ensinar crianças que nasceram surdas. E o próprio Ivanov relata com grande emoção no seu livro o episódio da defesa de tese de doutorado de uma aluna do mestre Zokolianskij, da qual ele próprio participou. Esta aluna defendeu uma tese de doutorado sobre a pedagogia desenvolvida por Zokolianskij.

E a pergunta, se nós não estaremos nos tornando surdos nesta civilização da visualidade, se nós não estamos nos coagindo ou se estamos sendo coagidos a esquecer que ouvimos em função de que somos obrigados a ver, a enxergar o tempo todo.

Civilização da visualidade não significa somente “ver imagens” opticamente, mas também ver imagens onde elas não estão, projetar imagens onde elas não estão visualmente presentes, atribuir valores imagéticos e sobretudo conferir ao imaginário o status de realidade primordial e preponderante.

Fala-se muito na imagem de uma empresa, na imagem de um grupo comercial, na imagem de uma pessoa, na imagem profissional e em países mais desenvolvidos já existe até jurisprudência a respeito de imagens lesadas, imagens de empresas ou de pessoas que são lesadas. Cuida-se da imagem sem cuidar-se da coisa em si.

Fala-se também em visibilidade. Na vida pública, nas empresas, na publicidade e até mesmo dentro das próprias instituições universitárias e científicas uma das metas que se buscam é a visibilidade. Então, o que estamos fazendo aqui hoje, participando de uma discussão sobre o rádio, produz visibilidade... enquanto deveria trazer audibilidade.

Critica-se muito a falta de visibilidade, como se fosse possível suprir a deficiência receptiva do nosso entorno com uma hipertrofia da nossa capacidade de nos tornarmos visíveis. Somos assim obrigados a nos tornar imagens antes mesmo de nos tornarmos pessoas.

Somos obrigados a ser apenas visuais. Tudo o mais, todo o restante é dispensável. É acessório. Não importa se tem repercussão,

se tem efeito de repercussão (no sentido de percussão que se repete) aquilo que fazemos. Importa se isto está visível.

E a visibilidade tem também o seu tempo que é um tempo naturalmente muito mais curto e muito mais veloz do que o tempo da audição, do fluxo do ouvir.

Portanto, tudo que é visível, morre mais rápido.

Por isso, vivemos também numa época da perecibilidade. A época do one-way, do descartável. A onipresença e a onipotência da imagem nos compelem a um universo descartável. Daqui a um ano, ninguém mais vai se lembrar do cartaz deste evento, de sua visibilidade. Mas seguramente, todos nós vamos nos lembrar do que conversarmos, do que falarmos, do que experimentarmos durante o evento.

E como todos somos obrigados a ter imagens, imagens com alto grau de visibilidade, vivemos na era da saturação da visibilidade e da imagem.

A PRÉ-HISTÓRIA DA FALA

Passo aqui para o próximo item de minha fala que é sobre a pré-história do canto humano chamado fala. A pré-história da nossa fala, ou seja, do nosso canto.

A investigação sobre a comunicação e as suas origens filogenéticas, sobretudo investigações realizadas pela etologia nos trabalhos extremamente apaixonantes sobre a comunicação entre espécies de animais sociais, nos mostram que todas possuem códigos de comunicação altamente sofisticados. Ou seja, possuem línguas, instrumentais de comunicação de alta precisão e refinamento.

Por exemplo, os insetos sociais possuem uma linguagem de alta sofisticação, como as abelhas, formigas e cupins. Isso acontece porque vivem em sociedade de milhões de indivíduos, e milhões de indivíduos não conseguem conviver se não se comunicam. Não conseguem funcionar como um organismo social se não se comunicam.

O que nós sabemos hoje sobre a linguagem, sobre os códigos de comunicação destes insetos, é quase nulo. Sabemos muito pouco sobre, por exemplo, formigas, que para agricultura são consideradas uma grande praga. Se soubéssemos mais sobre a comunicação das formigas elas não dariam tantos prejuízos para agricultura. São

sofisticadíssimas em sua sincronização social e em sua organização. Quando atacam uma floresta destróem-na inteira, conseguem devastar uma floresta em poucos dias. Isto é indício de uma perfeita comunicação, sobre a qual sabemos quase nada. Sabemos apenas que tem um código de comunicação central pelo olfato. Os odores são suas palavras. Quais odores e quais vocábulos, como os usam, como produzem sua sincronização perfeita sem comandos, sem chefias, não se sabe.

Queria também falar um pouco sobre as baleias, que são o oposto dos insetos, não apenas do ponto de vista físico, mas também da comunicação. As baleias se comunicam centralmente por um canto e seguramente todos nós já teremos ouvido gravações de cantos de baleias. Que muito se parecem a verdadeiras árias operísticas. Um canto que tem um enorme alcance. Uma baleia quando canta consegue ser ouvida a cem quilômetros de distância por uma outra baleia. E estou falando da baleia porque sua comunicação é vocal e requer, portanto, ser ouvida por outra baleia. Os golfinhos também. E os pássaros também têm uma comunicação vocal. Seu código de comunicação central é a voz.

Já os primatas não têm na voz seu principal canal de comunicação. Os chimpanzés, os gorilas, os orangotangos. A sua comunicação central é o gesto, que requer a visão para ser compreendido. A única exceção dentre os primatas é o homem, que desenvolveu a vocalidade como seu principal veículo de comunicação.

Nós, humanos, como somos também primatas, nos perguntamos o que foi que aconteceu com a nossa comunicação, na passagem do gesto para a voz. Ou no desenvolvimento de um código vocal paralelo que se sobrepõe ao código gestual. Existem algumas hipóteses a esse respeito.

A hipótese da verticalização do ancestral do homem, do seu caminhar ereto, que teria obrigado esse animal a sair da mata para a savana, e que lhe teria obrigado a levantar a cabeça, liberou a glote e liberou toda a musculatura de um aparelho até então muito pouco usado para a comunicação, o aparelho fonador. O que mais usara até então eram as mãos, o corpo, a postura, o balanço nas árvores. A hipótese mais aceita é justamente esta, a de que com o caminhar ereto, com o bipedismo teria sido liberada a glote. E portanto o aperfeiçoamento do aparelho fonador possibilita vocalizações complexas muito eficazes em uma situação de visão restringida pela vegetação alta e densa da savana.

Ele não consegue enxergar longe ficando sujeito a inúmeros riscos, portanto começa a desenvolver o seu sistema de gritos de alerta. Estes gritos de alerta começam a se transformar em língua. E essa é a hipótese talvez mais lógica. E mais aceita.

No entanto, existe uma outra hipótese muito pouco considerada mas muito mais poética e que eu prefiro agora privilegiar. O ancestral do homem observa os pássaros e começa a imitá-los. Imitando os

pássaros, começa a cantar o seu próprio canto, este canto que todos nós falamos até hoje.

Porque o homem teria rompido com a sua origem primata? Temos duas razões: uma funcional e uma estética. A razão da melhor comunicabilidade do auditivo, da voz, que não exige o campo visual, e a razão estética: a imitação dos pássaros e talvez outros vocalizadores.

A voz, a sua produção e a produção da fala são uma atividade de extrema complexidade neurológica, com operações de sincronizações musculares de milésimos de segundo. Operações de precisa coordenação motora de músculos do aparelho fonador que requerem um aparato neurológico de refinado desenvolvimento. Uma das mais importantes reflexões a respeito da raiz neurológica da atividade produtora da linguagem verbal é o estudo de Erich Lenneberg. Nascido na Alemanha em 1926, Lenneberg viveu no Brasil de 1935 a 1945. Depois foi para os Estados Unidos e lá então desenvolveu sua importante investigação registrada em seu livro sobre os fundamentos biológicos da linguagem (^{iv}4).

Lenneberg considera o ritmo como o primeiro elemento constitutivo da fala humana. Assim declara:

“É conhecido há muito tempo que a ritmicidade do cérebro dos vertebrados ou do tecido nervoso central em geral é o verdadeiro motor para muitos movimentos rítmicos que se encontram entre os

vertebrados. Se a nossa hipótese estiver correta, a mecânica motora da fala e provavelmente também da sintaxe, não constituirá nenhuma exceção a esta generalização. No homem, o motor rítmico serve para uma atividade altamente especializada ou seja, para a fala.” (Lenneberg, 1972:151).

Com o desenvolvimento da fala, a comunicação humana e seus tempos, sua sincronização também se altera. Os ritmos que a compõem são de uma natureza diversa dos ritmos que compõem os movimentos das mãos ou do corpo. Enquanto as mãos tinham (e têm) como principal componente de sua linguagem o espaço no qual se movem, a fala, produzida por movimentos minimalistas dos órgãos fonadores, tem como matéria prima os ritmos, ou seja, o tempo.

Vejam que, na mudança de habitat e de códigos desse primata, houve uma ruptura entre o gesto e a fala. Ruptura que pode ser vista sob dois enfoques distintos, um afirmativo, de ganho e de conquista, e um negativo, de perda (ainda que relativa). O momento de conquista de um código novo, a voz que mobiliza a audição, se dá graças ao momento de perda ou diminuição da eficiência comunicativa da imagem e da visão, o que coloca o gesto como apenas acessório comunicativo, não mais como código central.

Assim, entre o momento de passagem do gestual para o vocal e a nossa era, de saturação da visualidade, há um longo caminho. A visão foi o sentido-chave para o desenvolvimento das primeiras técnicas de conservação da informação, os registros sobre pedras,

ossos e paredes de rochas. Foi o império da visão que abriu as portas para a escrita e seus desdobramentos notáveis como o livro e a imprensa. No entanto toda mídia tem seu limite de saturação e toda saturação leva a um torpor. A saturação da visão cria as condições para que a gente não veja mais as coisas. Todos nós já experimentamos esta sensação de enxergar sem ver.

Assim, aqui estamos apenas especulando a respeito de um momento primordial da evolução da comunicação humana que foi o desenvolvimento da vocalidade em detrimento da gestualidade, ou seja, da auditividade em detrimento da visualidade. Com isto temos a simples intenção de nos perguntar se estaremos hoje diante de uma nova necessidade comunicativa do homem, diante da saturação das imagens e da visualidade. Não estaremos diante de um quadro de evidente cansaço da visão?

É claro que todos continuamos primatas. Isto significa que a nossa gestualidade ainda é importante, importantíssima aliás para toda a comunicação primária, interpessoal e direta. Também é evidente que o cansaço e a saturação da visualidade não trarão seu banimento. A ancestral comunicação corporal segue sendo muito importante. Tal qual não morreu a oralidade, assim também será com a visualidade se a ela se suceder uma era do ouvir.

RECEPÇÃO E CORPO

Passamos agora para o próximo ponto sobre o qual gostaria de refletir um pouco, sobre a recepção e o corpo. Já que falamos de gesto, já que falamos de corpo, uma das grandes carências nos estudos da comunicação é justamente o nosso maior órgão de comunicação: a pele. Nossa pele é a nossa ponte para o mundo.

Sobre isto, há estudos antropológicos e médicos notáveis. Dentre eles destaca-se um livro que recomendo para todas as pessoas que estudam a comunicação humana: “Tocar”, do antropólogo e anatomista norte-americano Ashley Montagu.^(V5) Muito adotado e muito estudado pelos psicólogos, mas pouco conhecido dos comunicólogos, é um livro de mais de 400 páginas só sobre a pele e as suas funções comunicativas.

Montagu, neste seu estudo, nos diz algumas coisas muito interessantes, que eu quero ler para vocês. Ele fala sobre a estimulação da pele feita pelo útero sobre o corpo do feto.

“A contração do útero sobre o corpo do feto estimula os nervos periféricos sensoriais localizados na pele. Os impulsos nervosos assim iniciados são conduzidos para o sistema nervoso central, onde os níveis apropriados são mediados pelo sistema nervoso vegetativo

autônomo até chegarem nos diversos órgãos que enervam. Quando a pele não estiver sido adequadamente estimulada, os sistemas nervosos periférico e autônomo também são inadequadamente estimulados e ocorre uma deficiência de ativação nos principais sistemas de órgãos. Sabe-se por observação, que quando o recém nascido não consegue respirar, um tapa vigoroso nas nádegas geralmente será suficiente para induzir a respiração. O significado fisiológico profundo deste fato notável parece ter escapado à atenção.” (Montagu, 1988:72).

Se consideramos as características físicas do som, vamos constatar que a recepção de todo som se dá não apenas por um pedaço pequeno da pele chamado tímpano, mas por toda a pele, e que portanto a audição é uma operação corporal e não apenas uma operação visual, de luz.

Som é vibração. E vibração opera sobre a pele. Podemos dizer, portanto, que toda voz e todo som é um tipo de massagem. É uma estimulação tátil, uma massagem sutil.

E agora vamos comparar algumas coisas sobre esses dois canais, ou seja, dois meios pelos quais passam as mensagens de nossa comunicação: o ar e a luz.

Enquanto o som tem como seu principal canal o ar, a imagem tem como seu canal a luz. O ar, quando vibra na produção do som, estimula a pele. A luz somente o faz quando se transforma em calor.

Mas nem sempre a luz se transforma em calor. A imagem luminosa do cinema, da televisão e de um outdoor não se transformam em calor. E portanto, elas não atuam sobre o corpo todo, não produzindo estimulação tátil.

Queria ainda ir um pouco mais adiante nesta reflexão, sobre a questão enigmática da direcionalidade, em uma leitura talvez antropológica e cultural destes dois canais, como eles operam.

Para ouvir sons, basta que sejamos passivamente receptivos, aprendemos a ser passivos. Já para a recepção da imagem, somos obrigados a ser ativos, a direcionar o nosso olhar para algum objeto. E aquele genial filósofo e musicólogo que escreveu Nada Brahma, Joachim-Ernst Berendt fala de uma coisa curiosa, de um sentido “masculino” invasivo do olhar e de um sentido “feminino”, receptivo do ouvir. Portanto, todas as implicações de atividade e passividade, de invasão ou de receptividade estariam presentes nos contextos em que ocorre o predomínio da visão ou da audição.

Temos que considerar ainda uma outra coisa deste ativo/passivo. Vejamos que passivo vem de passion, passione, que significa paixão e que está associado a sensação e sentimento. Está associado a sentir. E ativo vem de ação e que está associado a agir, a fazer. Temos aí dois grandes universos que evidentemente se complementam, que interagem e que são ambos importantes. Mas quando houver o desequilíbrio entre os dois universos, do ativo e

passivo, será nossa percepção e nossa relação com o mundo que estará vivendo em desequilíbrio.

Assim, o ouvir e o ver, operações perceptivas associadas a cada um destes dois universos, requerem ambos o cuidado e o cultivo dos próprios limites. O “ouvir”, mais vinculado ao universo do sentir, da paixão, do passivo, do receber e do aceitar. O “ver”, mais associado ao universo da ação, do fazer, da atividade, do atuar, do agir e do poder (e desta palavra forma-se a outra, mais forte, “potência”).

Eu me perguntaria agora se não estamos diante de uma sociedade da imagem, dentro de uma cultura da visualidade hipertrofiada, se não estaremos diante do último produto do homo faber, ou seja, do homem que faz, da fabricação e do ativismo, portanto do universo do trabalho como valor máximo.

E o trabalho, na nossa sociedade, se opõe à vida. O filósofo do nosso tempo, Dietmar Kamper, em seu livro “O Trabalho como Vida”^(vi6), afirma que, nós vivemos uma dicotomia entre trabalho e vida. Esta dicotomia apresenta hoje um movimento de hipertrofia e onipotência do trabalho e de atrofia e adoecimento da vida. E quanto mais o trabalho cresce desmesuradamente, mais a vida se perde desamparadamente.

E quando acreditamos que o universo do trabalho, este universo ativo e potente do trabalho, masculino por excelência, vai nos trazer a compensação da repercussão e do reconhecimento, vamos constatar

que ocorre exatamente o oposto: quanto mais trabalharmos, menos estará valendo o próprio trabalho.

É assim também com a imagem: quanto mais nos tornarmos visíveis, mais invisíveis estaremos nos tornando. Quanto mais inflarmos a imagem, mais estaremos contribuindo para que o outro não nos veja mais, para que ele se torne cego ou insensível.

E este universo da hipertrofia do trabalho, da hipertrofia do fazer, da hipertrofia do masculino tem uma história que vem de longe e que é também a hipertrofia do pensar e da racionalidade. Que, de resto, são operações que se antagonizam e desconsideram o passional e o passivo.

“O PADECIMENTO DOS OLHOS”

E a próxima etapa da minha fala assim se chama “O padecimento dos olhos” em homenagem a Dietmar Kamper, cujo livro *Bildstörungen* (Distúrbios da Imagem) contém um capítulo com este nome (vii7). O livro discute as questões da imagem e sua hipertrofia, fala sobre esta doença que está nos atacando hoje.

]

Já, já vou citar um trecho deste lindo trabalho de Dietmar Kamper. Mas antes disto “O Padecimento dos Olhos” nos desperta a seguinte questão: será que ainda conseguimos enxergar alguma coisa? Será que, neste mundo de inflação da visualidade, nós ainda estamos vendo ou apenas imaginamos estar vendo? Tendo a considerar, de maneira pessimista que já não estamos enxergando nada. Somente vemos ícones, no sentido mais tradicional da palavra, de imagens sacras, somente vemos logotipos e marcas, imagens desconectadas do seu sistema e do seu entorno. Já não vemos mais nexos, relações, sentidos.

Um dado que comprova esta hipótese pessimista é o crescimento de analfabetismo nos países economicamente desenvolvidos. Talvez sirva como exemplo deste fenômeno de neo-analfabetismo a significativa tiragem de jornais sensacionalistas do tipo do alemão “Bild” (Imagem). São jornais cujos textos raramente ultrapassam 10 linhas e as imagens dão o tom, imagens fotográficas ou imagens verbais construídas por manchetes de escândalos, de

catástrofes, de mortes ou de mega-estrelas do mundo do cinema, do esporte e da televisão.

Uma vez que o neo-analfabetismo progride com passos céleres e firmes, ou seja, as conquistas do tempo lento da escrita e do ler estariam se perdendo, tudo isto provocado pela fúria devoradora do tempo descartável das imagens, o que nos restará será a cegueira para estas mesmas imagens.

Não veremos mais nexos, conexões que estávamos acostumados a ver com o mundo da audição, do fluxo lento e da temporalidade do ouvir. Que é também marca do mundo da leitura. Que exige um lânguido ler, um lânguido movimento do tempo, análogo ao tempo do ouvir. Ouvir requer um tempo do fluxo e o tempo do fluxo é o tempo do nexo, das conexões, das relações, dos sentidos e do sentir.

Com isto voltamos a Kamper que diz assim em seu livro:

“As idéias para uma estética pós-midiática, são absolutamente necessárias. Uma introdução já seria a não-percepção visual do outro. E do tempo como um opositor. Uma nova época do ouvir está anunciada.”(Kamper,1994:27).

Isto depois de tecer inúmeros comentários a respeito da visualidade e da hipertrofia da visualidade e de que a hipertrofia da visualidade está gerando não a visibilidade, mas a invisibilidade.

UM NOVO MILÊNIO PARA O OUVIR

E eu passo para o último item da minha fala. E vou terminá-la com um poema de um artista do final do século passado e do início deste século, Christian Morgenstern.^{(viii)8} Este poema se chama “O AR”.

Eu o traduzi aqui, toscamente, para esta fala de hoje, tentando preservar a rima quase infantil que há no original alemão. E procurando fazer justiça à intenção do poeta, dedicando o livro todo “a criança que está no homem” (dem Kind im Manne). Mas antes vou fazer algumas costuras finais, considerações resumidoras.

Vamos reunir a opinião de Berendt a respeito do som enquanto “massagem sonora”, e que o ouvir é uma estimulação tátil, com a demonstração de Montagu, segundo a qual nosso corpo precisa da estimulação tátil para o funcionamento do seu sistema nervoso e portanto da sua sensorialidade. E vamos ainda retomar a consideração de Sacks: com a audição constroem-se nexos, proposições. Descubrem-se, desvendam-se sentidos.

O que resulta desta incrível combinatória é a redescoberta e o resgate do mundo do ouvir, a necessidade de uma nova cultura do ouvir. E de uma outra temporalidade. E de um novo desenvolvimento da percepção humana para as relações profundas, para os nexos profundos, para os sentidos e para o sentir.

E agora, o poema de Christian Morgenstern:

“O Ar.

*Um dia sentiu o ar sua morte por perto.
Ô meu pai do céu, me darás a mão por certo.
Suplicou com um sombrio, triste olhar.
Vou me aparvalhar, só faço engordar.
Tu que para tudo tens remédio,
receita-me viagens, banhos, nenhum tédio,
prescreve alguma coisa, mesmo leite azedo.
Pois se assim não for, começo a ter medo.
E Deus, em temor à blasfêmia, e ao mau tom,
inventou para o ar a massagem do som.
Existe desde então o mundo, que de som se explode
E ao seu ritmo, o refestelado ar, que se sacode.”*

Debate*

Pergunta - (...) existe uma preocupação muito grande com a tecnologia,... enquanto a essência da coisa... Eu estou ouvindo o que você está falando e até sublinhando porque eu acho que deveria existir essa preocupação ou pelo menos o despertar para ela. Porque se não tiver alguém mexendo com aquelas máquinas, as máquinas não vão, não vão funcionar sozinhas, pode ter até alguém mexendo mas se não tiver algo que toque a emoção do ser humano...

Norval Baitello Jr. Concordo com sua crítica à maneira como nossa época trabalha a comunicação, excessivamente tecnicista. Temos a obrigação de buscar nexos e sentidos e não apenas imagens. Não sou contrário à tecnologia. Muito pelo contrário, sou muito favorável. Com a tecnologia nós atingimos graus elevados de conservação da informação e de alcance desta informação. Mas a tecnologia sem o desenvolvimento desta capacidade de ler e ouvir, esta é a chave, ler e ouvir o sentido das coisas, ela só vai nos levar para uma cegueira e para uma surdez crescentes. Concordo inteiramente com a sua observação. Eu acho que está nas nossas mãos promover este tipo de pensamento, pensamento mesmo, pensamento que a gente aprende com o ouvir e não apenas com o ver.

Pergunta - queria que você voltasse à questão da poluição visual, para uma ecologia talvez da visão. Mas em relação ao som também, do sonoro, a diferença urbana, o som, da poluição auditiva. Não haveria aí também a necessidade de uma ecologia do som?

N.B. - Sem dúvida. O que acontece, a meu ver, é que com o som existe um certo desprezo. Nós temos a poluição sonora pelo desprezo. Enquanto as imagens são todas bem cuidadas, toda poluição sonora ocorre pelo despreço, pelo descuido e pelo desprezo ao som. Ela é sonora porque o que se ouve “tem menor

importância” para nossa cultura urbana ocidental. Então deixamos motores estourados, não existe controle sonoro, colocam-se britadeiras à meia-noite para consertar ruas e assim por diante. Acho sim que uma ecologia do som seria tão necessária quanto uma ecologia da imagem. Porque o som estimula o sentido.

Pergunta - *Mas a consciência desta poluição sonora não está presente.*

N.B. - Exatamente. A própria consciência da poluição sonora é mais fraca do que a da poluição visual. Dentro dos órgãos públicos, dentro dos órgãos ecológicos, dentro das instituições ecológicas também. E é claro que seguramente no Brasil é ainda mais grave que em outras partes do mundo.

Pergunta - *Sobre a mídia, a televisão, o rádio. Se você tem algum estudo sobre isso... Se fala em audio-visual, não é só imagem, a imagem já vem com som. Existe algum estudo deste som que vem com as imagens, ou a sua relação com as imagens?*

N.B. - Tenho uma suspeita de que os audio-visuais são vídeo-auditivos. O áudio está quase sempre muito aquém do desejável. Podemos ver pela própria definição do som. Enquanto a reprodução da imagem se desenvolveu (a fotografia, o cinema mudo primeiro, as cores, a televisão), a reprodução e a conservação do som tiveram sempre menor prioridade ou menor qualidade. O rádio, os discos, a estereofonia, o compact disc vieram sempre depois dos meios imagéticos. Acho que o som é ainda o primo pobre. Prova desta suspeita são, por exemplo, os concertos pela televisão. Vê-se um concerto pela televisão só pela visualidade e pelo espetáculo, literalmente para ver a música, uma vez que a qualidade do som é quase desprezível. Outros exemplos de desprezo pelo som em favor da visualidade é o trabalho caricatural de imitação dos dialetos e falares regionais na televisão. Ainda mais um exemplo, os custos da publicidade no rádio em comparação com a mídia visual.

Pergunta - Na Internet, por exemplo, a imagem é muito mais trabalhada...

N.B. - Exatamente. Veja como nossa hipótese é plausível: o ouvir ainda é o primo pobre. É claro, a saturação da imagem vai gerar todo um fenômeno mercadológico de cansaço visual, e portanto os investimentos deverão ser redirecionados para uma diversificação maior ou pelo menos para um certo equilíbrio.

Só acho que temos que ficar muito atentos, nós que trabalhamos com comunicação, com o que tipo de ouvir vai ser veiculado. Se não será um ouvir por imagens. Porque um slogan falado é uma imagem. Um jingle é uma imagem. Nós temos que estar muito atentos para que a nossa comunicação multimidiática não se transforme, de novo, num império da imagem, mas que seja um espaço do ouvir. Que não sejamos vítimas desta hipertrofia do *homo faber* e de um desamparo total da própria vida. Ocorre-me o artigo de um importante mestre e crítico da comunicação, Harry Pross.^(ix9) (escrito em comemoração aos setenta anos do filósofo Vilém Flusser), “A lenta languidez do ler”. Pross afirma que a leitura exige um tempo de leitura e que o encurtamento das frases no moderno jornalismo está gerando um texto só de imagens, que se seguem umas as outras. E que é preciso resgatar a languidez do ler.

E esta languidez do ler, considero-a análoga ao tempo e à languidez do ouvir. O ouvir exige languidez, e portanto exige tempo. E além do mais, devemos nos lembrar que tempo não é dinheiro, tempo é vida. É muito mais importante do que dinheiro. Esta seria a melhor definição do tempo para uma nova cultura do ouvir. A cultura do visual é: tempo é dinheiro, precisamos gerar imagem porque imagem gera dinheiro, a imagem faz vender. Nós precisamos pensar em outros termos hoje.

Pergunta - ... uma música, nós precisamos ouvir várias vezes para entender...

N.B. - E mesmo a música contemporânea, mesmo a música jovem, mesmo o rock, exigem languidez. A languidez não é só o estado contemplativo, mas a languidez dos sentidos: acompanhar, estar ali. Acho este exemplo muito importante: o repetir, o deixar repercutir.

O tempo da imagem não é um tempo para pensar. O tempo da celeridade da imagem não é um tempo para estabelecer vínculos e nexos.

Pergunta - (...) *eu não consigo dissociar som e imagem, e acho um prazer muito grande você ouvir e formar imagens. Talvez esteja faltando um convívio harmônico (...)*

N.B. - O ouvir nos permite gerar imagens, nossas próprias imagens, e essas são imagens geradas por nexos, sentidos e não são imagens oferecidas prontas de maneira a cercear a capacidade imaginativa. Imaginação vem de imagem. Mas é a geração de imagens. E esta geração de imagem é provavelmente mais fértil no tempo do ouvir do que no tempo do ver.

* algumas perguntas levantadas por alunos no final do seminário. ^x

Referências Bibliográficas:

ⁱ (1) Berendt, Joachim-Ernst (1986) Nada Brahma. Die Welt ist Klang. Reinbeck/Hamburg: Rowohlt.

ⁱⁱ (2) Sacks, Oliver () Vendo Vozes. Rio de Janeiro: Imago

ⁱⁱⁱ (3) Ivanov, Vjaceslav Vsevolodovich (1983) Gerade und Ungerade. Stuttgart: Hirzel.

^{iv} (4) Erich Lenneberg (1967) "Biological Foundations of Language". N. York: J. Wiley. (trad. alemã: Biologische Grundlagen der Sprache. Frankfurt: Suhrkamp. 1972).

^v (5) Montagu, Ahsley (1971) Touching. The Human Significance of the Skin. N. York: Harper. (trad.: Tocar. O Significado Humano da Pele. S. Paulo: Summus, 1988)

^{vi} (6). Kamper, Dietmar.(1997) O Trabalho como Vida . S. Paulo: Annablume.

^{vii} (7) Kamper, Dietmar (1994) Bildstörungen. Im Orbit des Imaginären. Stuttgart: Cantz. (Há uma tradução em português do capítulo "Os padecimentos dos olhos" em : Almeida, M. C. et alii (1997) Ensaio de Complexidade. Porto Alegre: Sulina, p.131-137)

^{viii} (8) Morgenstern, Christian (1948, 3ª ed.) Galgenlieder. Zürich: Arche.

^{ix} (9) Pross, Harry "Die lange Weile des Lesens". In: Rapsch, Volker, ed. (1990) überflüsser. Düsseldorf: Bollmann.

^x

Norval Baitello Junior é professor doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade Livre de Berlim. É pesquisador do CISC e professor no Programa de

Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da PUC de S. Paulo. É autor dos livros *Die Dada-Internationale* (Ed. P. Lang, N.York, Viena, Berlim, 1987), *Dada-Berlim. Des/Montagem.* (Ed. Annablume, S. Paulo, 1993) e *O Animal que Parou os Relógios* (Ed. Annablume, S. Paulo, 1997)

* Texto publicado em Rádio Nova. *Constelações da Radiofonia Contemporânea 3.* Org. Lílian Zaremba, Ivana Bentes. Rio de Janeiro: UFRJ, ECO, Publique, 1999.